

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Andriws Porto Alegre

“Eu também tenho um profe menino!”: O masculino na Educação Infantil

Porto Alegre

2º Semestre

2014

Andriws Porto Alegre

“Eu também tenho um profe menino!”: O masculino na Educação Infantil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jane Felipe de Souza

Porto Alegre

2014

À minha família.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu querido pai Adalberto Porto Alegre que durante a minha graduação sempre esteve ao meu lado nas infinitas madrugadas, me incentivando, me ajudando e revisando meus trabalhos. Agradeço à minha mãe Maria Regina Porto Alegre que sempre me apoiou a ir além do que as pessoas esperavam de mim e de sempre ter aquele colo quando eu precisava. Aos meus irmãos Adrian, Andrei e André.

Agradeço também a toda a equipe da creche Francesca Zacaro Faraco, especialmente à professora Aida, que tanto colaborou para que eu conseguisse fazer minha formatura. Também meus sinceros agradecimentos à Iná, Francisca, Márcia e às minhas colegas de aula e de trabalho.

Por fim, agradeço à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Jane Felipe, por ter me dado liberdade e autonomia para escrever este trabalho, bem como as contribuições teórico-metodológicas que ajudaram a tecê-lo.

Sem estas pessoas eu jamais teria chegado aonde cheguei.

Obrigado a todas/os.

“Não havíamos marcado hora, não havíamos marcado lugar. E, na infinita possibilidade de lugares, na infinita possibilidade de tempos, nossos tempos e nossos lugares coincidiram. E deu-se o encontro” (Rubem Alves).

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
BENDITO O FRUTO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM O TEMA.....	08
1 EDUCAÇÃO INFANTIL É COISA DE MULHER?.....	12
2 MASCULINIDADES EM CIRCULAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	15
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	17
4 A FIGURA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ALGUMAS ANÁLISES.....	20
4.1 Entre a Ordem e a Recreação: O Papel do Professor na Educação Infantil.....	22
4.2 Alguns Estranhamentos e Preconceitos.....	25
4.3 Provando Competência Continuamente.....	28
5 PARA DESMANCHAR ESTRANHAMENTOS E PRECONCEITOS.....	30
REFERÊNCIAS.....	32
APÊNDICE A: Roteiro das Entrevistas Para Mães e Pais.....	33
APÊNDICE B: Roteiros das Entrevistas Feitas às Professoras que Realizam ou já Realizaram Docência Compartilhada com Professores Homens:.....	34
APÊNDICE C: Roteiro das Entrevistas Realizadas aos Professores Homens que Atuam na Educação Infantil:.....	35
APÊNDICE D: Termo de Consentimento.....	36

RESUMO

O trabalho “*Eu também tenho um profe menino!*”: *O masculino na Educação Infantil* buscou conhecer e analisar quais os discursos e representações presentes em uma escola de Educação Infantil localizada na cidade de Porto Alegre, a partir da presença e do trabalho desenvolvido por professores homens nessa primeira etapa da Educação. Como metodologia, utilizei entrevistas semi-estruturadas com oito familiares de alunos e alunas, com dois professores homens que atuam na Educação Infantil da referida instituição, bem como com cinco professoras que com estes realizam docência compartilhada. Como base teórica, busco inspiração nas obras de Guacira Lopes Louro (1995; 1997), Jane Felipe (2006), Fernando Seffner (2003) e ainda alguns trabalhos que se debruçaram sobre a mesma temática, a saber: Tiago Campos Dutra (2013), Luis Carlos Teixeira da Silva (2012), Joaquim Ramos (2011), Francisca Mariano Silveira (2011) e Deborah Thomé Sayão (2010) e Maria Luiza Flores (2000). Os resultados das análises apontaram para três categorias de análise, a saber: *Entre a ordem e a recreação: o papel do professor na Educação Infantil, Provando competência continuamente e Alguns estranhamentos e preconceitos*. Ficou evidenciado nos depoimentos que o professor que atua na Educação Infantil é visto como uma figura importante para jogar com as crianças, servindo como “agente de recreação” ou como um profissional responsável pelas atividades físicas ou, ainda, como responsável por “colocar ordem” na turma. As análises demonstraram ainda que esses professores precisavam provar sua competência, muitas vezes em função de certa desconfiança por parte das famílias e das próprias colegas professoras que compartilhavam com eles a docência. Desse modo, os docentes homens precisam constantemente provar seus conhecimentos pedagógicos, se esforçando no sentido de “conquistar a confiança” dos familiares das crianças. Quando esses professores atuam no berçário, a preocupação com a atuação deles parece redobrada, em especial no que se refere às trocas de fraldas, por exemplo. As conclusões apontam para a necessidade de aprofundarmos o debate em torno da inserção masculina na Educação Infantil.

BENDITO O FRUTO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM O TEMA

Desde que ingressei no curso de Licenciatura em Pedagogia (2009/2) sabia da minha condição de “exceção” nesta graduação, bem como os preconceitos que haveria à minha frente, tendo em vista que era um dos pouquíssimos homens no Curso. Por causa disto ouvi muito, por parte de minhas colegas, o termo “bendito o fruto”. Tal fato me chamou a atenção e logo quis saber o porquê desse espanto por eu ter escolhido essa profissão. Uma delas me explicou: “é que homem é raridade na pedagogia”. De fato, se observarmos as matrículas neste curso, vamos notar um baixo percentual de alunos do sexo masculino:

Talvez o número “doze” no total de aprovados para o curso de Licenciatura em Pedagogia pareça grande – comparado ao histórico de ingressantes – porém, quando comparado ao número de mulheres a porcentagem fica mínima: foram 108 aprovadas no concurso vestibular de 2010. Fazendo um cálculo de porcentagem, representamos 10% do total de aprovados (120) (DUTRA, 2013, p. 9).

O questionamento “[...] *por que a presença do homem na educação infantil incomodava, ou melhor, incomoda tanto?*” (SILVA, p. 106, 2011), ressurgiu em diversos momentos e etapas do curso. Portanto, ao longo da minha trajetória acadêmica, notei que isso traria muitos questionamentos em relação ao meu futuro ofício de pedagogo. Comecei a perceber que o fato de ser homem no curso de Pedagogia era bem mais do que ser “bendito o fruto”. Percebi que eu teria que travar alguns debates acerca de pensamentos equivocados que partiam de um senso comum. Um desses debates ocorreu em uma aula de Sociologia da Educação, quando uma das colegas, ao se referir a homens atuando na Educação Infantil, disse-me: “*Andriws, não te ofendas, mas eu jamais matricularia minha filha numa escola de Educação Infantil se houvesse um professor homem, pois, quando ele fosse trocar a minha filha, com certeza sentiria algum tipo de atração sexual*”. Lembrei-me de um texto que havia lido em um Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia (UFRGS) do acadêmico Luís Carlos Teixeira da Silveira, onde ele afirmava que o trabalho na Educação Infantil “[...] está ligado à

relação de cuidado, como qualidades inatas que se atribuem à mulher e ao ser feminino” (SILVEIRA, 2012, p. 14). Outra questão relevante é que o comentário da colega, citado acima, me remeteu ao artigo “Afinal, quem é mesmo pedófilo?” da Prof^a. Dr^a. Jane Felipe (2006, p. 14). Segundo ela, há uma idéia corrente de que [...] *só os homens são abusadores em potencial, por possuírem uma sexualidade tida no senso comum como incontrolável, quase “animalesca”*[...].

Esses sentimentos de desconfianças e preconceitos em relação ao masculino na Educação Infantil passaram a ser percebidos por mim em especial durante os períodos de observações e práticas (atividades de caráter obrigatório no curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRGS), onde me deparei com a dificuldade de encontrar escolas para realizar estas atividades em turmas de educação infantil. Certa vez, ao ligar para uma determinada instituição privada e solicitar permissão para a realização da prática docente, fui notificado de que já havia estagiárias inscritas. No entanto, na mesma semana, uma colega avisou à nossa turma que a mesma instituição ainda estava aceitando alunas do curso que quisessem realizar a atividade de observação prática na referida instituição.

Outra experiência negativa foi no dia em que fui a uma entrevista de emprego para preencher a vaga de auxiliar de turma, em outra instituição privada. Após a entrevista, a coordenadora pedagógica da escola informou que, apesar do meu currículo ser muito bom, “a escola estava à procura de *meninas* com mais experiência”. Em seguida, se dando conta da forma aparentemente excludente com que me comunicou a negativa em relação à oportunidade de trabalho, se desculpou e disse que “a escola não fazia preferência ao gênero feminino ou masculino”, que o problema em questão seria a falta de experiência.

Fatos como este reforçam a ideia de receio, desconfiança e preconceito em relação ao professor homem atuando na Educação Infantil. Ao mesmo tempo, tais episódios nos mostram que, embora tenhamos experiência no meio escolar e conhecimentos pedagógicos, ainda assim haverá alguma resistência ou estranhamento acerca do masculino na Educação Infantil. Situações semelhantes, em que a presença perturbadora do masculino nesta profissão causa surpresa e até mesmo mal-estar, são muito mais comuns do que se possa imaginar. Ao debruçar-se sobre este tema, encontrei com muita facilidade exemplos que ilustram tais situações:

Por fazer parte desse universo é que ousou dizer que houve certo estranhamento com a figura masculina como Educador Infantil, inclusive por mim num primeiro momento. (SILVEIRA, 2011, p. 16).

Percebe-se assim, as dificuldades que o homem enfrenta quando deseja ser um professor na Educação Infantil. Neste sentido, todos os relatos apresentados neste trabalho são fruto de observações, vivências e estudos proporcionados pela Faculdade de Educação. Durante a realização do trabalho pude refletir muito sobre a presença do professor homem na Educação Infantil, bem como as nuances do capital cultural e nichos sociais determinantes para a formação de opiniões sobre certos temas atualmente polêmicos e que permeiam nossa sociedade, como o tema deste trabalho.

Seguramente as múltiplas diversidades sociais construídas ou percebidas no país produzem ou possibilitam condições também muito distintas de intervenção. Se existe algo que pode ser comum a essas iniciativas talvez seja a atitude de observação e de questionamento [...] (LOURO, p. 121, 2003)

A autora chama atenção para o fato de que é necessário observamos atentamente determinadas práticas, tidas como naturais. Desta forma, o presente trabalho tem como problema de pesquisa discutir de que forma circulam as representações sobre o papel e os impactos da atuação de um professor homem na Educação Infantil entre os familiares das crianças, bem como entre as próprias colegas que atuam na docência compartilhada de uma escola de Educação Infantil de Porto Alegre.

Os objetivos deste trabalho foram os seguintes:

- Verificar de que modo as famílias viam a inserção de um homem como professor de seus filhos e filhas na Educação Infantil;

- Analisar de que modo as professoras que atuaram (ou ainda atuam) na docência compartilhada com esses professores pensavam (e pensam) sobre a atuação destes nesta etapa da educação;
- Perceber quais eram as principais dificuldades que estes homens professores enfrentavam no seu trabalho, pelo simples fato de serem homens atuando na Educação Infantil.

No capítulo um faço um breve resgate histórico sobre a inserção da mulher na Educação Infantil e discuto reprodução da divisão de gênero nas instituições. No segundo capítulo discuto as masculinidades em circulação nas instituições de Educação Infantil, bem como suas representações. No terceiro, aponto os caminhos metodológicos que orientaram este trabalho. No quarto capítulo, analiso a figura masculina na Educação infantil, bem como suas nuances que são apresentadas nas seções 4,1, 4,2 e 4,3, que falam, respectivamente do papel do professor homem na Educação Infantil, os estranhamentos que cercam a presença de um professor homem na Educação infantil e os esforços que o professor homem tem de fazer para se afirmar como docente na Educação Infantil.

Nas considerações finais, aponto para a necessidade de ampliação do debate acerca das relações de gênero, especificamente nas Instituições de Educação Infantil onde a figura masculina é vista com estranhamentos por conta da feminização desta etapa da Educação.

1 EDUCAÇÃO INFANTIL É COISA DE MULHER?

Fazendo um breve resgate histórico sobre o processo de feminização do magistério, em especial na Educação Infantil, foi possível constatar que a inserção de mulheres na docência, sobretudo, na atuação com crianças pequenas, se deu por volta de 1860. Nesta época, de acordo com Vianna (2001, p. 4), em algumas regiões do país, havia registros de 50% do magistério como sendo feminino.

Se observarmos as mais recentes pesquisas, podemos perceber, segundo o artigo “A feminização na educação infantil: uma questão de gênero” (VENTURINI e THOMASI, 2013, p. 4), que o número de mulheres professoras atuando na Educação Infantil chegou a quase 100% no ano de 2003 (mais precisamente 98,5%) e 94% em 2005. Como constatou SILVA (2011, p.108), tal fenômeno aponta para a conquista das mulheres no mercado de trabalho. Segundo Louro (1995, p. 179) “Para elas ser professora era uma conquista”.

O território da educação infantil sempre foi um espaço das mulheres enquanto conquista na luta feminista por justiça e igualdade em movimentos de cunho libertário, aproximando do coletivo em torno da luta por direitos iguais da participação e reconhecimento social, como mulheres trabalhadoras (SILVA, 2011, p.107).

Além disso, há uma distorção no que se refere à Educação Infantil quando relacionada à maternagem:

A polêmica do trabalho docente masculino em creches se inscreve desta maneira porque historicamente, os cuidados, e eu incluo também a educação das crianças pequenas vem sendo, em grande parte das culturas, uma atribuição do universo feminino carregando assim, as marcas culturais da maternagem, ou seja, as marcas culturais do feminino (SAYÃO, 2010, p.2).

Saliento aqui a divisão de gênero em relação a atuação docente na Educação Infantil, reforçando duas representações muito comuns: o de que as mulheres são

“naturalmente” aptas para o exercício da docência na educação infantil. “É como se as mulheres já nascessem com esse “instinto” materno, algo natural delas, ou seja, o cuidar e o educar, como sendo um papel exclusivo feminino” (SILVA, 2011, p. 109). E o segundo, de que homens não devem estar inseridos nesse espaço porque não “levam jeito” para exercer tal função:

[...] existe a ideia de que há espaços definidos para homens e para mulheres; e que se alguém resolve romper com essa organização pré-estabelecida, sofre com o preconceito, com a desconfiança. Em alguns casos, essa dúvida vai além do olhar ... tem estreita relação com a concepção cultural em torno da masculinidade [...] (SILVEIRA, 2011, p.22).

No entanto, é preciso considerar que, em especial a partir da década de 80 do século XX, com a visibilidade que o conceito de gênero passou a ter, enfatizando que as representações de masculino e feminino são construídas social e culturalmente e se modificam também em função do tempo histórico no qual os sujeitos estão inseridos, os lugares ocupados por homens e mulheres em relação ao campo profissional também vem sendo questionados.

Se as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros (e também os constituem), isso significa que essas instituições e práticas não somente "fabricam" os sujeitos como também são, elas próprias, produzidas (ou engendradas) por representações de gênero [...] (LOURO, 2003, p. 88).

As instituições, como afirma Louro, também são generificadas e produzem determinadas concepções em relação àquilo que deve ser apropriado para cada sexo, instituindo assim preconceitos que precisam ser discutidos.

Em cada grupo social, consideradas as representações predominantes sobre características e lugares para cada gênero, outras alternativas possíveis de “ser homem”

ou de “ser mulher” costumam gerar estranhamento. (FLORES, 2000, p.122)

Tais estranhamentos, como aponta Flores, se sobressaem ainda mais quando tratamos de Educação infantil, e nesses espaços é que são mais reproduzidas essas características de gênero, neste caso, o feminino. Este conceito é resultado de uma construção social, algo que aprendemos desde cedo, que há lugares específicos para homens e mulheres.

Inserida em uma cultura, a construção conceitual de lugares para homem e lugares para mulher se inicia na infância de cada um/a através das brincadeiras e atividades generificadas nos espaços de interação em diferentes grupos sociais; se estende ao espaço de formação escolar; e prossegue ao longo da vida. (FLORES, 2000, p.124)

É preciso desconstruir essa ideia de que deve haver espaços específicos para cada gênero. Para que isso ocorra é preciso que tanto as instituições escolares como também as famílias realizem não somente debates, mas também promovam isso na prática. Outra desconstrução necessária é a das essências masculinas e femininas, como aponta Flores (2000):

Assim como os estudos sobre gênero que enfocaram as mulheres, trouxeram à tona o questionamento acerca de uma essência feminina, as pesquisas acerca da masculinidade evidenciaram a pluralidade de nuances de masculinidade, questionando igualmente a existência de uma essência masculina (FLORES, 2000, p.136).

Essas desconstruções somente são possíveis apropriando-se dessas pesquisas mencionadas por Flores e as utilizando como embasamento teórico nos debates em instituições, neste caso, nas de Educação Infantil.

2 MASCULINIDADES EM CIRCULAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Considerando as questões anteriormente descritas, durante a 8ª etapa do curso de Licenciatura em Pedagogia e depois de algumas vivências em sala de aula como professor, decidi realizar meu estágio obrigatório em uma instituição de Educação Infantil em Porto Alegre, onde fui designado a uma turma de Jardim A2 (com crianças de idades entre 4 e 5 anos de idade). Logo nos primeiros dias já havia sido possível notar algumas questões, como a aceitação dos alunos em relação ao professor homem.

Um aluno de outra turma com a mesma faixa etária que a dos meus alunos chegou até a porta da turma, deu uma olhada e falou: “ah, nós também temos um professor menino”. A fala me surpreendeu pela naturalidade em que foi pronunciada. Acredito que isso se deu pelo fato da referida instituição ter o hábito de manter professores do sexo masculino à frente de suas turmas. Ao fim do dia, mães e pais chegavam para buscar seus filhos e também aproveitavam para me conhecer e fazer algumas perguntas, tais como: “*Qual o curso que você faz?*”, “*Em que etapa tu estás?*” e se eu já tinha alguma experiência com crianças pequenas. Era visível a curiosidade dos pais, mas após outras observações notei que essas eram dúvidas comuns em relação a todos os estagiários e as estagiárias.

Não demorou muito para que eu estabelecesse um ótimo vínculo tanto com os alunos da minha turma quanto com seus pais e mães. A relação foi tão boa que na segunda semana fui convidado a fazer parte do quadro de professores e fui contratado pela empresa terceirizada que presta serviços para a instituição e que também fornece outros profissionais (incluindo professores, faxineiros e profissionais de manutenção). A partir daí, além de unir o útil ao agradável, realizando o estágio e exercendo a profissão concomitantemente, também surgiu em mim um sentimento de autonomia no que se refere a minha posição, antes um estagiário e agora um professor responsável pela turma.

O fato de eu ser um dos poucos homens na Educação Infantil me fez refletir não somente sobre meu papel como professor, mas também, meu papel como homem nesse campo de trabalho, majoritariamente ocupado por mulheres. Não que eu me sentisse “menos homem”, mas eu sentia que estava ocupando um espaço que não era meu, obviamente, era apenas uma sensação, porque isso é algo que havia sido

“vendido” para mim, na verdade, para toda a sociedade, como aponta Seffner (2003, p. 121)

“A trajetória de construção da masculinidade de cada homem se faz com o modelo de masculinidade hegemônica sempre presente e reforçado, seja pela mídia, pela escola, pela igreja, etc., mas ao mesmo tempo com uma pluralidade de outros modos de viver a masculinidade presentes em seu cotidiano, representados pelos tipos particulares e originais que cada homem encontra ao produzir sua própria trajetória masculina na vida do dia a dia.”

E ainda:

“Ao tirar do homem parte do papel de provedor, por exemplo, retira-se também algo de sua masculinidade, uma vez que “um dos pilares da identidade masculina tradicional é o papel de provedor que o homem deve desempenhar perante a família” (GIFFIN; CAVALCANTI, 1999, p. 56, in SEFFNER p.121).

Depois de refletir e superar essa sensação, passei a me dedicar e a observar as relações que iam se formando entre mim e a turma. O vínculo que começou ser construído com as crianças indicava que eu estava fazendo um bom trabalho. A aceitação dos alunos em relação a mim era muito boa. Não houve estranhamentos. Não sei afirmar se os olhares das colegas eram de estranhamento, acredito que não, pelo fato de já haver professores homens atuando ali, porém, eu era uma pessoa nova, e como toda pessoa nova, eu era constantemente abordado com conversas amigáveis e sorrisos espontâneos. Algumas falas me chamavam a atenção, como “Ahh, um homem!” De fato eu me sentia como se fosse o único. Uma professora disse, inclusive *“Que bom que tem mais um homem, aqui tem muita mulher!”*

O modo de viver masculino que desfruta da maior concentração de privilégios, num dado sistema de relações de gênero, será considerado como a forma de masculinidade hegemônica (SEFFNER, 2003, p. 173).

Não que eu me sentisse essa figura hegemônica, nem tinha a intenção, mas parecia de fato que eu fazia uma diferença naquela escola para aquelas professoras. Porém, não para as crianças, que já estavam habituadas com a figura masculina naquele ambiente escolar.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A metodologia para esta pesquisa, de caráter qualitativo, se deu através de entrevistas semiestruturadas realizadas com dois professores homens, oito familiares e cinco colegas mulheres.

No corpo deste trabalho constam apenas os trechos mais significativos das entrevistas a fim de desenvolver mais as reflexões, assim como para não tornar o texto exaustivo. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, posteriormente transcritas e encontram-se, na íntegra, na última página deste trabalho¹.

Ao fim do período do estágio e no começo da 8ª etapa do curso eu já havia definido minha linha de pesquisa: Seriam amostragens acerca das impressões dos pais, mães, professoras e também dos meus colegas docentes do sexo masculino, relativo à atuação de professores homens na Educação Infantil. Com isso, convidei aleatoriamente pais e mães (oito entrevistados), professoras que realizam ou realizaram docência compartilhada com professores homens (cinco entrevistadas) e também dois professores homens que atualmente trabalham na escola de Educação Infantil onde realizei a pesquisa. Após realizar as entrevistas e verificar as recorrências das respostas, analisando-as detidamente, elenquei então três categorias de análise: *Entre a ordem e a recreação: o papel do professor na Educação Infantil*, *Provando competência continuamente* e, finalmente, *Alguns estranhamentos e preconceitos*.

As questões elaboradas para os professores homens foram às seguintes:

- Há quanto tempo tu atuas nessa instituição?
- Nessa mesma instituição?
- Quando tu entraste mais no início na instituição, houve algum tipo de estranhamento dos pais em relação a ti?
- E em relação às crianças, como é a tua relação com elas?
- Como tu vê essa questão da figura masculina em relação às crianças?

¹ As entrevistas encontram-se no CD-ROM no fim deste trabalho.

Já as perguntas elaboradas para os pais e mães foram às seguintes:

- Quantos filhos tu tem matriculado aqui na escola?
- E algum deles tem um professor homem?
- E antes disso, ele já tinha tido outro professor homem?
- E como foi?
- E qual foi tua primeira impressão ao te deparar com um professor homem na sala de aula?
- Tu tiveste algum receio ou medo?
- E o que tu pensa sobre o trabalho do professor homem na educação infantil?
- Tu recomendarias um professor homem para outras famílias?
- Tu já ouviste algum relato de estranheza por parte de outros pais ou mães?
- Qual foi o primeiro contato dos teus filhos com um professor homem?

Com relação às colegas professoras, os questionamentos consistiram nos seguintes pontos:

- Há quanto tempo tu estás na Educação Infantil?
- O que tu pensas sobre o professor homem na educação infantil?
- Tiveste algum tipo de estranhamento quando se deparou com um professor do sexo masculino?
- Durante esse tempo tu já tiveste oportunidade de trabalhar com professores do sexo masculino?
- Durante esse tempo que tu compartilhaste a docência com esse professor homem, tu notaste algum tipo de estranhamento dos pais em relação a ele?
- Como foi essa experiência?

Os professores homens entrevistados possuem as seguintes formações:

- Professor 1, 24 anos, formando em Pedagogia e estudante de Artes Visuais.
- Professor 2, 43 anos, Pedagogo e Educador Físico.
- Professora 1, 43 anos, Auxiliar de Creche e estudante de Pedagogia.
- Professora 2, 48 anos, Pedagoga.
- Professora 3, 22 anos, estudante de Pedagogia
- Professora 4, 46 anos, auxiliar de Creche e estudante de Pedagogia
- Professora 5, 27 anos, estudante de Pedagogia

Os Familiares entrevistados possuem as seguintes formações:

- Mãe 1, 35 anos, Funcionária Pública Federal
- Mãe 2, 37 anos, Professora Universitária
- Mãe 3, 41 anos, Funcionária Pública Federal
- Mãe 4, 43 anos, Professora Universitária
- Mãe 5, 38 anos, Professora Universitária
- Mãe 6, 36 anos, Funcionária Pública Federal
- Pai 1, 61 anos, Professor Universitário
- Pai 2, 43 anos, Técnico em Elétrica

4. A FIGURA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ALGUMAS ANÁLISES

A partir das entrevistas realizadas com professores homens, colegas e famílias, foi possível observar que apesar de todos entrevistados concordarem e se mostrarem positivos em relação à presença do professor homem na Educação infantil, há ainda um preconceito disfarçado no sentido de que o professor tem que dialogar com os familiares sobre suas competências e capacidades como profissional da educação, mostrando explicitamente seus conhecimentos pedagógicos e métodos de ensino. Uma outra observação é de que o professor homem é sempre visto como alguém que irá executar atividades físicas ou de recreação.

Assim que iniciei as entrevistas com as professoras, todas, sem nenhuma exceção, mostraram-se convictas da importância da figura masculina na educação infantil. A seguir, algumas falas que mostram isso:

“Acho de suma importância a figura masculina como referência [...] (Entrevista professora nº1 - 24/10/2014)

“[...] deveria ter sempre uma referência masculina [...]” (Entrevista professora nº1 - 24/10/2014)

“Eu acho que é bem importante, não só na educação infantil, mas também nos anos iniciais [...]” (Entrevista professora nº 2 – 24/10/2014)

“Eu acredito que hoje tem sido muito importante valorizar a inserção de homens na educação infantil, pra valorizar o trabalho deles e eu acredito que a relação deles com nós mulheres é muito positiva.” (Entrevista com professora nº 3 - 24/10/2014)

“[...] mesmo que o professor homem não esteja na turma delas, elas estão nos corredores vendo esse professor homem, os conhecem, e nessas interações vejo isso como algo positivo.” (Entrevista com professora nº 3 - 24/10/2014)

“[...] então uma figura masculina disponível 6, 12 h por dia, dependendo da turma, é para eles legal e positivo[...].” (Entrevista com professora nº 4 - 24/10/2014)

“[...] a experiência que eu tenho tido é muito positiva, pensando bem, não sei explicar qual a diferença, mas acredito que é muito positiva na área da pedagogia, em sala de aula principalmente [...]” (Entrevista professora nº 5 – 27/10/2014)

“Sinceramente não vejo diferença entre homem e mulher, nesse aspecto pedagógico, na prática docente ou de planejamento não vejo nenhuma diferença.” (Entrevista professora nº 5 – 27/10/2014)

“[...] pra mim nunca foi um problema, ou melhor, sempre foi naturalizada a questão do homem como professor.” (Entrevista professora nº 5 – 27/10/2014)

“[...] quando tem um homem eu acho que é mais rico para a educação em si, e para as crianças terem esses contatos com o professor e até para desmistificar um pouco de que só a mulher é que protege e que é sensível.” (Entrevista professora nº 5 – 27/10/2014)

Entretanto, nos capítulos seguintes, é possível perceber que, apesar de as falas anteriores mostrarem uma aceitação relativa à presença do professor homem na sala de aula, essa presença é vista com alguns equívocos e estranhamentos. Sendo assim, o professor homem é aceito porém, com ressalvas.

4.1 ENTRE A ORDEM E A RECREAÇÃO: O PAPEL DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Em relação ao papel do professor homem, nota-se que estes são constantemente observados pelas professoras em relatos de pais, mães e outros professores. Nos depoimentos colhidos foi possível notar que os professores homens são vistos como profissionais encarregados de certas atividades relacionadas às atividades físicas e recreativas:

“Nas outras experiências que eu tive, acontecia que o homem sempre ficava com o caráter de educação física ou recreação”
(Entrevista professora nº 2 – 24/10/2014)

“que bom, vai ter um homem pra correr com eles no pátio” (fala de uma das professoras se referindo ao pensamento de alguns pais em relação ao professor do sexo masculino)
(Entrevista professora nº 2 – 24/10/2014)

Outras trazem ainda essa questão em seus discursos e mesmo tendo a convicção da importância da presença do professor homem na educação infantil, ainda assim os enxergam como responsáveis pelas recreações e práticas de educação física, como jogar futebol, por exemplo.

“[...] porque, por mais que a professora tente jogar futebol é diferente de um professor homem, organizar isso e jogar bola, é diferente.” (Entrevista professora nº 1 - 24/10/2014)

“[...] porque essa figura está ali fazendo e brincando [...]” (Entrevista com professora nº 4 - 24/10/2014)

“[...] eu tinha uns 12 anos a menos e eu brincava muito mais com as crianças, pulava e saltitava, e esse professor ele fazia parceria comigo, dividia a questão de brincar fazer recreação no pátio, fazia teatro e depois se recolhia. Ele era bastante dinâmico [...]”
(Entrevista com professora nº 4 - 24/10/2014)

“Homens correm mais, tem mais força [...]”

(Entrevista com professora nº 4 - 24/10/2014)

Como vimos, é possível notar nas falas, que há uma tendência das professoras em designar atividades físicas ao homem, muitas, inclusive, usam como justificativa de que o homem é mais forte ou então, de certa maneira, assim como a maternagem para as mulheres, o esporte acaba sendo visto como uma atividade prioritariamente masculina.

É importante ressaltar que colocar no homem esta responsabilidade, ao mesmo tempo em que lhes confere certo status, pode ser uma iniciativa feminina que pretende subjugar a vontade masculina, impondo-lhe uma ação e também, exime as mulheres destas atividades que podem não lhes interessar, até pela falta de hábito. (FLORES, 2000, p.136)

Além disso, há também, um senso comum de que o professor homem possa ser uma referência específica para os meninos, apesar de isso não ter aparecido explicitamente nas entrevistas. No entanto, percebo que é corriqueiro que isso surja nas falas do dia-a-dia. Há também a ideia de que professores são mais fortes, mais dinâmicos e que impõem mais respeito e autoridade.

Os professores precisam ser homens com “H” maiúsculo e igualmente os meninos. As mulheres e as meninas, doces, ternas e delicadas. (SAYÃO, 2005, p.261).

No caso da masculinidade, um atributo que se presta excepcionalmente para isso é o da atividade, tomada muitas vezes como força, e daí derivando força física, capacidade de decisão, força moral, responsabilidade para assumir grandes empreendimentos, coragem, ser ativo na relação sexual, etc. (SEFFNER, 2010, p. 171)

Podemos concluir que são manifestações equivocadas, revestidas de preconceitos em relação à figura masculina na Educação Infantil.

4.2 ALGUNS ESTRANHAMENTOS E PRECONCEITOS

Estranhamentos concernentes à presença do professor do sexo masculino são percebidos pelas professoras nas falas dos pais e mães, geralmente nas turmas de crianças de berçário que exigem um cuidado mais minucioso em relação ao corpo, como trocas de fraldas ou assepsias, ou então, quando é estritamente necessário o acompanhamento ao banheiro:

“[...] mas ele vai trocar meu filho, no berçário, ou levar ao banheiro [...]”
(Entrevista professora nº1 - 24/10/2014)

“[...] podemos perceber que esses estranhamentos ocorrem mais, geralmente, quanto menor a criança.” (Entrevista com professora nº 3 - 24/10/2014)

“Maior o estranhamento, a insegurança, se trabalhar numa turma de berçário, que são bebês e necessitam de momentos especiais de interação, em trocas de fraldas, por exemplo, esse estranhamento aumenta.” (Entrevista com professora nº 3 - 24/10/2014)

“[...] na turma de berçário sim, tinha aquela questão mais sestrota [...]” (Entrevista com Professora nº1)

“[...] deixei o pai tranquilo porque eu disse que estou de olho nele [...]” (Entrevista com Professora nº 4 - 24/10/2014)

“[...] a diretora da escola me chamou e disse: “ah, o colega vai ficar trabalhando com a menina de inclusão, mas se precisar trocar fralda ai vai ter que ser você e eu vou ter que te chamar porque ele é homem e é complicado ter contato porque se acontecer alguma coisa a família vai achar que foi ele.” (Entrevista professora nº 5 – 27/10/2014)

Nas falas dos dois professores homens entrevistados, há certa disparidade em relação à percepção de estranhamentos por parte dos pais. O primeiro professor alega

nunca ter notado nenhum olhar preconceituoso, nem mesmo vivenciado situações de desconforto em relação a isso:

“[...] desde quando estou aqui na creche, não. [...] até porque aqui na creche já teve outro colega homem que já estava saindo quando eu entrei. [...] logo quando eu entrei uma mãe questionou se eu tinha filhos, se eu sabia lidar com crianças pequenas já que eu não tinha filhos. [...] elas trazem isso de casa, a questão da autoridade” (Entrevista com Professor nº1 – 27/10/2014).

O segundo professor entrevistado pontua questões relevantes acerca das relações com os pais e colegas de trabalho. Ele fala das premissas acerca de ser um homem na Educação Infantil:

“No início com os colegas sim, eu sentia um olhar diferente, um preconceito, do tipo, ele é homem, ele não sabe o que está fazendo, ele não está capacitado para atender essa faixa etária. [...] com os pais essas questões tem de ser renovadas porque as turmas vão mudando e são pais diferentes. Tu vais conquistando as pessoas e eles vão perdendo seus medos e seus preconceitos. Os pais ficam com essa expectativa de que seus filhos serão bem cuidados, logo depois que eles vão pensando nas questões pedagógicas. Tive que comprovar competências e habilidades tanto para a escola quanto para os pais. Outros acham boa a convivência das crianças com o professor homem, muitas não convivem com a figura masculina em casa” (Entrevista com Professor nº 2 – 06/11/2014).

Acredito que o fato de as respostas dos professores divergirem é por conta do olhar observador e suas particularidades, penso que isso parte das vivências de cada um, bem como, das relações estabelecidas com os pais, mães e colegas de trabalho.

Nas entrevistas com mães e pais dos alunos da creche apareceram falas positivas e contribuições significativas para o desenrolar desse trabalho. Percebi que tanto as mães quanto os pais entrevistados mostraram-se muito esclarecidos quanto à

importância de professores homens na educação infantil para a construção da diversidade de gênero. E, embora um ou outro revelasse que houve um estranhamento, posteriormente essa impressão foi “desfeita”, como apontou um dos professores nas citações anteriores.

“[...] acho importante ter homens e mulheres, assim como nas outras profissões, a gente causa estranhamento ao ver mulheres em profissões mais masculinas, talvez a educação infantil tenha ficado muito vista como uma profissão feminina, mas eu vejo como muito positivo para os alunos, por eles terem contato com ambos os sexos.” (Entrevista com Mãe nº 2 – 05/11/2014)

“[...] acho bem positivo porque as crianças interagem muito com a figura masculina e isso é importante, tanto para os meninos quanto para as meninas. É o segundo ano que a minha filha tem um professor homem na turma e as experiências deles estão sendo muito positivas! Ela gosta muito! (Entrevista com Mãe nº 3 – 06/11/2014)

“[...] quanto mais a gente tiver essa “mistura” dessas duas figuras, porque essas figuras são importantes dentro de casa e porque não dentro da escola?” (Entrevista com Mãe nº 1 – 05/11/2014)

“[...] acho muito positivo essa experiência aqui da escola de proporcionar que as crianças tenham professores de ambos os sexos. (Entrevista com Mãe nº 3 – 06/11/2014)

“Na verdade foi uma experiência nova para mim, nunca tinha vivenciado isso, mas achei bem bacana, gostaria que todas as turmas pudessem ter professores e professoras.” (Entrevista com Mãe nº 2 – 05/11/2014)

“[...] a escola tem que reproduzir o mundo, e o mundo é masculino e feminino, então acho

muito bom, [...]” Foi à reação mais positiva porque foi o que eu sempre desejei e é como eu sempre ensino, como professor também, que a escola tem que reproduzir o mundo, a realidade, ate porque eu ensino isso, eu defendo isso.” (Entrevista com Pai nº 1 – 06/11/2014)

Com relação às falas anteriores, é preciso considerar aqui o fato de grande parte dos familiares dos alunos possuírem um grau de instrução elevado. Logo, acredito que isso colabore positivamente para uma consciência da diversidade de gênero nas escolas de Educação Infantil, porém, não signifique que não haja estranhamentos ou opiniões equivocadas por parte destes familiares.

4.3 PROVANDO COMPETÊNCIA CONTINUAMENTE

Outras questões percebidas nas falas das mães e dos pais são, também, reveladas nas falas do professor nº 2, que o diálogo é importante para desfazer possíveis estranhamentos, “provar” o domínio dos conhecimentos pedagógicos. Percebe-se, também, que este profissional tem de se esforçar para “conquistar” a confiança de pais e mães, o que demonstra que a aceitação não é tão natural assim:

‘É conversar pra ti não ter um preconceito, é primeiro conversar pra depois formar ideia, eu evito formar esse primeiro pensamento de “bah, porque que é um homem?” (Pai 2 – 07/11/2014)

“Mas com os pais essas questões têm que ser renovadas porque as turmas vão mudando e são pais diferentes. No início de cada ano tu conquistas um novo grupo. Tu demonstras que tu és capaz, tu vais conquistando as pessoas e eles vão perdendo seus medos e preconceitos. Mas isso tem que ser renovado a cada nova turma.” (Professor 2 – 06/11/2014)

“O primeiro passo, quando inicia o período letivo é a reunião com os pais. Quando se explica qual a metodologia usada e os processos de avaliação [...]” (Professor 2 – 06/11/2014)

“[...] a gente sabe que tem menos homens interessados na profissão [...]” (Mãe 1 – 05/11/2014)

“Não, porque na verdade desde as primeiras reuniões ele se colocava numa posição de liderança e ele colocava os objetivos e a gente via que ele dominava bem as questões pedagógicas e isso nos passa segurança, a gente via que ele estava ali porque queria, entendia e gostava de estar ali.” (Mãe nº1 – 05/11/2014)

“[...] acho que o importante é o conhecimento que o professor tem e as habilidades [...]” (Mãe nº 6 – 7/11/2014)

“[...] tu conversa com a pessoa e te passa uma tranquilidade, pra mim foi tranquilo.” (Pai nº2 – 07/11/2014)

Além disso, apontamentos percebidos em algumas falas dos entrevistados, reforçam o fato de que a instituição analisada, talvez, colabore para a opinião das mães e pais em relação à presença do professor homem nas salas de aula de educação infantil, no sentido de que o público da instituição (a maioria professores universitários), além de possuir um capital cultural diferenciado por terem uma formação pedagógica, esta inserido em um ambiente de trabalho onde essas discussões sobre questões de gênero e de trabalho permeiam suas vidas profissionais.

“[...] acredito que pelo fato de os pais serem mais instruídos, possa ser mais fácil.”
(Professor nº 2 – 06/11/2014)

“[...] mas a gente vê a instituição [...]” (Pai nº 2 – 07/11/2014)

“[...] a creche aqui tem uma característica distinta pelo fato de os pais serem professores e técnicos da universidade, talvez esse cenário “bem ideal” não se repita em outras escolas.”
(Mãe nº 3 – 06/11/2014)

“[...] acho que a gente é privilegiado [...]”
(Pai nº 2 – 07/11/2014)

Entretanto, estas constatações apareceram apenas em três falas isoladas.

5 PARA DESMANCHAR ESTRANHAMENTOS E PRECONCEITOS

Ao fim desse trabalho, onde foram entrevistadas quinze pessoas, sendo cinco professoras mulheres, professores homens, mães e pais, foi possível chegar a algumas conclusões prévias. Digo prévias por se tratar de uma amostragem e penso que, se a pesquisa fosse estendida a mais instituições de diferentes segmentos (públicas de acesso universal e privadas, dos grandes centros e das periferias), talvez outras respostas com diferentes pontos de vista pudessem ser percebidas, bem como os discursos que poderiam ser usados para embasar tais opiniões.

Contudo, a primeira conclusão é de que o diálogo constante é primordial para desmanchar estranhamentos e preconceitos, além de esclarecer tanto pais como os profissionais que convivem na instituição, sobre a importância da figura masculina em sala de aula, bem como, a competência desses profissionais que tentam se inserir nesse mercado de trabalho ocupado majoritariamente por mulheres. De certo modo, levo em consideração que esses diálogos devem ser constantes, como relatou o professor nº 2 em alguns trechos citados acima.

Percebi também que, mesmo que a maioria dos pais sejam professores universitários, ainda pode-se perceber a existência de preconceitos e estranhamentos, pois se não houvesse, não seria necessário reuniões a fim de “provar” os conhecimentos pedagógicos desses professores homens e de esforços no sentido de “conquistar a confiança” dos familiares das crianças. Claro que a qualidade do trabalho e competência profissional, tanto dos homens quanto das mulheres, deve ser questionada pelos pais e mães quando necessário, bem como os currículos, metodologias e didáticas, não no sentido de associar a educação como produto, nem dos pais e crianças como clientes, mas sim, no sentido de aproximação desses pais à educação de seus filhos.

Outra conclusão possível é de que o professor homem, quando inserido na sala de aula, é visto como um “agente de recreação” ou como um profissional responsável pelas atividades físicas. Do mesmo modo, acabam sendo responsáveis por “colocar ordem”, desconsiderando suas capacidades profissionais e conhecimentos pedagógicos, o que se constitui em um preconceito, como se os homens só soubessem ou deveriam ficar nesse lugar de mando. Neste sentido, o preconceito é extensivo às professoras, pois parte-se do pressuposto de que mulheres não são capazes, ou não têm disposição para

executar tal tarefa, como se não conseguirem estabelecer a ordem em sala de aula e não tivessem capacidade de liderança diante da turma.

Como visto na maioria das falas das professoras e familiares, nota-se uma consciência da importância da referência masculina em sala de aula como oportunidade para discussão de questões de gênero, como se tal debate não fosse possível sem a presença desse professor homem. E, mesmo que em algumas falas apareçam afirmações defendendo que a escola deve reproduzir o mundo, no sentido de propagar esses debates sobre a diversidade de gênero, acredito que se as entrevistas tivessem sido realizadas por uma mulher, possivelmente pudesse haver divergências em algumas respostas.

Por fim, acredito que o debate sobre professores homens, tanto na Educação Infantil como nos Anos Iniciais, ainda é pouco difundido nas escolas e ainda enfrenta muitos preconceitos. A luta das mulheres pela inserção no mercado de trabalho se difundiu no início do século XX, contribuindo, de certo modo, para uma feminização da educação básica. Consequentemente se atribuiu a esse nível de ensino uma maior competência das mulheres, pelo simples fato de terem a capacidade de procriar. Desse modo, o exercício da docência foi considerado como uma espécie de maternagem, fazendo com que a maior parte das pessoas estranhe a presença do homem nas salas da Educação Infantil e Anos Iniciais, fazendo com que a inserção do professor do sexo masculino seja mal vista, principalmente em escolas privadas. Este trabalho pretendeu, portanto, contribuir com o debate sobre a inserção dos professores homens na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

DUTRA, Thiago Campos. Do Monstro à Referência: Ser Professor Homem na Escolarização Inicial – Narrativas da Experiência. Trabalho de Conclusão, obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia – FACHED – UFRGS. Porto Alegre. 2013, p. 9.

FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo pedófilo? Campinas: Cadernos Pagu. 26, jan/jun. 2006. p. 201-224.

FLORES, Maria Luiza R. Flores. Conversando com Educadores e Educadoras de Berçário: Relações de Gênero e Classe na Educação Infantil. Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FACHED – UFRGS. Porto Alegre 2000, p. 92 - 136.

LOURO, Guacira L. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 88 - 121.

LOURO, Guacira L. Educação e gênero: a escola e a produção do feminino e do masculino. In: SILVA e AZEVEDO (orgs.). *Reestruturação curricular: teoria e prática no cotidiano da escola*. São Paulo: Vozes, 1995. p. 179.

SAYÃO, Deborah T. Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos e meninas? Algumas questões para pensar as relações de gênero e infância. In: *Pro-Posições*, Campinas, Vol. 14, n.3 (42), 2003, p. 261.

SAYÃO, Deborah T. Relações de gênero na creche: Os homens no cuidado e educação das crianças pequenas G.T Educação das crianças de 0 a 6 anos - G.T. 07 – UFSC. (2010, p.2).

SEFFNER, Fernando. Derivas da Masculinidade: Representação, Identidade e Diferença no Âmbito da Masculinidade Bissexual. Tese de Doutorado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FACHED – UFRGS. Porto Alegre 2003.

SILVA, Peterson Rigato da. A presença masculina na educação infantil: Diversidade e identidades na docência. In FARIA e FINCO (orgs.). *Sociologia da infância no Brasil*. Campinas, Autores Associados. 2011, p. 106 – 109.

SILVEIRA, Francisca M. A Inserção de Homens na Educação Infantil. Trabalho de Especialização – FACHED – UFRGS. 2012 p. 14 - 22.

VENTURINI, Ângela M. THOMASI, Kátia B. A feminização na educação infantil: Uma questão de gênero Revista Científica Digital da FAETEC: EDU.TEC, 8ª edição, Ano V, Volume 1, Nº 1. (2013, p. 4)

VIANNA, Cláudia Pereira. O Sexo e o Gênero da Docência. Campinas. Cadernos Pagu (17/18) 2001/02: pp.81-103. (2001, p. 4),

APÊNDICE:

APÊNDICE A: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS PARA MÃES E PAIS

Quantos filhos tu tem matriculado aqui na escola?

E algum deles tem um professor homem?

E antes disso, ele já tinha tido outro professor homem?

E qual foi tua primeira impressão ao te deparar com um professor homem na sala de aula?

Tu tiveste algum receio ou medo?

E o que tu pensa sobre professor homem na educação infantil?

Qual foi tua primeira impressão ao ver um professor homem?

Tu já ouviste algum relato de estranheza por parte de outros pais ou mães?

APÊNDICE B: ROTEIROS DAS ENTREVISTAS FEITAS ÀS PROFESSORAS QUE REALIZAM OU JÁ REALIZARAM DOCÊNCIA COMPARTILHADA COM PROFESSORES HOMENS:

Antes dessa tua experiência com um professor do sexo masculino, tu tinhas algum tipo de preconceito ou idéia equivocada a respeito da presença do professor homem na educação infantil?

Durante esse tempo que tu compartilhaste a docência com esse professor homem, tu notaste algum tipo de estranhamento dos pais em relação a ele?

E como foi, ou está sendo esta experiência?

E tu, a primeira vez que te deparaste com um professor, homem na educação infantil, tiveste algum tipo de estranhamento?

APÊNDICE C: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS AOS PROFESSORES HOMENS QUE ATUAM NA EDUCAÇÃO INFANTIL:

Tu vês essa questão da figura masculina nas crianças?

E mesmo no Maternal-1, com essa questão do contato, houve algum comentário dos pais?

Em quais turmas tu trabalhaste?

Em relação às crianças, como é a tua relação com elas?

E por parte dos colegas de trabalho?

Desde quando tu começaste a trabalhar, mais no início, houve algum tipo de estranhamento por parte dos pais ou de colegas em relação a ti?

Há quanto tempo tu atuas nesta instituição?

APENDICE D: TERMO DE CONSENTIMENTO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Faculdade de Educação – FACED

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso:
O masculino na Educação Infantil.**

A presente pesquisa está vinculada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sendo produzida para fins de Trabalho de Conclusão de Curso. Trata sobre o Masculino na Educação Infantil e tem como objetivo discutir e refletir sobre a atuação de professores homens em turmas de crianças pequenas.

Para este fim, serão realizadas entrevistas com questões pré-estruturadas, registradas através da gravação de voz. Cada encontro terá a duração aproximada de 20 min. Os dados e resultados desta pesquisa serão mantidos sob sigilo ético, não sendo mencionado o nome do(a) participante, garantindo, assim, a privacidade e a confidencialidade das informações. Todo o desenvolvimento do trabalho será orientado pela Prof.^a Dr.^a Jane Felipe e seu destino final será a Monografia de Conclusão de Curso, que ficará à disposição para a consulta pública na biblioteca da Faculdade de Educação da UFRGS.

Em caso de concordância com as considerações expostas, solicitamos que assine este termo no local indicado abaixo. Caso o participante tenha qualquer dúvida, poderá fazer contato com o pesquisador Andriws Porto Alegre através do telefone 92616792 e através do email andriwspoa@gmail.

Eu _____, fui informado sobre os objetivos da pesquisa acima descrita e concordo em participar da mesma.

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Assinatura do Pesquisador – Andriws Porto Alegre

Assinatura da Professora Orientadora – Jane Felipe

Porto Alegre, ____/____/_____.